

WARREN ELLIS.

**N O O R**

**M A A L**

**É UMA ILUSÃO.**

«*Normal olha para o abismo e encontra o futuro.*»  
*THE NEW YORK TIMES*

TOP  
SEL  
LER

# **PRIMEIRA PARTE**

**P**asse já para cá a Internet inteira e ninguém se aleija — disse ela, apontando a escova de dentes ao enfermeiro como se fosse uma varinha mágica do mal. A ponta da escova tinha sido toscamente talhada para se tornar algo que poderia ser considerado uma faca improvisada por alguém que não soubesse realmente o que era uma faca improvisada. Tinha o cabelo de palha-de-aço grisalho preso na ponta com velhos elásticos castanhos e o olho esquerdo palpitava o suficiente para a fazer apontar ocasionalmente a suposta arma a uma imagem difusa por cima do ombro do enfermeiro.

— Professora — disse o enfermeiro, acenando com a cabeça e esforçando-se para manter o contacto visual com pelo menos um dos olhos dela.

A professora passara dos 50 e tinha a compleição e a postura de uma ave imperiosa, falando com o tipo de voz estridente que se usa para controlar crianças e cães.

— A sério — disse ela. — Isto é escandaloso. As condições aqui são medievais. Não vejo uma fotografia de um gato há seis semanas e é demais.

O enfermeiro era um homem atarracado com sobranceiras grossas, músculos rijos e aqueles poros de homem de meia-idade que o faziam parecer sempre que tinha a barba por fazer. Esticou-se e arregalou os olhos, parecendo a Adam Dearden um *gangster* de desenhos animados. Atrás do balcão da sala de admissões, outro enfermeiro, envergando o que era evidentemente a farda cinzenta dos auxiliares, encolheu-se, nervoso. Adam sentiu o pânico dar sinal sob a camada de medicamentos no seu organismo. Nunca esperou que a chegada a Normal fosse a parte mais tensa do seu dia.

— Professora — rosnou outra vez o enfermeiro atarracado —, se não baixar imediatamente isso,

## NORMAL

teremos de lha tirar. E não correu muito bem da última vez, pois não?

— Se me dessem a Internet, não teria de continuar a fazer armas. Está a esgotar rapidamente a minha paciência, jovem. Não concordei com nada disto.

— Ambos sabemos que isso não é verdade, professora. Concordou, o seu empregador concordou e assinou os formulários de admissão.

— Que importa se assinei os formulários de admissão? Não seriam admitidos como prova no tribunal. Sou claramente louca. Estou a ameaçar matá-lo com uma escova de dentes, pelo amor de Deus. Uma escova de dentes de dez dólares.

A professora olhou para a mão que segurava a escova de dentes. O enfermeiro de Adam Dearden, um sujeito forte e sem expressão que lhe teria dito um máximo de oito palavras durante a viagem, pegou em silêncio no braço de Adam e afastou-o um metro do local.

— Dei cabo desta treta — disse a professora, girando a escova nos dedos. — Se não me tivessem roubado o raio da morte, não teria precisado de recorrer a medidas tão extremas.

Encolheu-se um pouco dentro da pele e entregou a escova ao enfermeiro.

— Só queria ver fotografias de gatos. Um GIF ou dois. Só isso.

— Vamos levá-la para o Centro de Preparação daqui a pouco — disse o enfermeiro, que era um péssimo mentiroso e não percebia que todos os que o conheciam se davam conta. — Vamos para o Centro de Recuperação agora para se sentir melhor.

Pegou-lhe delicadamente no pulso e começou a conduzi-la pelo corredor oriental revestido com painéis de madeira, para longe das tintas plásticas verdes da sala de admissões.

— Podem dar-me as drogas todas? — Adam ouviu-a perguntar.

— Por aqui — disse o enfermeiro de Adam, aumentando o número de vezes que ouvira aquilo desde o início da viagem para um redondo dez. O enfermeiro esperara-o na pista do aeroporto de Portland, depois de Dearden ter chegado num jato privado, dizendo: «Adam Dearden? Por aqui.» Adam não sabia o que tinha sido dito a seu respeito aos funcionários do Cabo Normal para encarregarem um gigante capaz de circuncidar sequoias de

## NORMAL

o esperar, mas deixara-se levar sem resistência. Não lhe pareceu produtivo discutir e, além disso, tinham-no enchido com tantos sedativos e antipsicóticos antes de o enfiarem no avião que, de qualquer forma, não conseguiria apresentar um argumento suficientemente convincente às suas pernas para as levar a fazer mais do que arrastar os pés. Sentia que poderia precisar de reiniciar os pulmões a qualquer momento. Dependendo dos automatismos do seu corpo parecia-lhe cada vez mais perigoso.

Tinha verbalizado aquela preocupação de uma forma talvez algo insensata enquanto o enfiavam num utilitário desportivo ridículo, com a pegada ecológica de um tanque e um para-choques dianteiro aparentemente concebido para pulverizar casas com o impacto, ouvindo um «cale-se» proferido num tom que sugeria veementemente que o enfermeiro saberia muito bem como assassinar pessoas. Adam calou-se e viu Portland desfilarem pela janela, desligando-se da vista ao ponto de poder perfeitamente estar sentado num veículo parado num cenário, olhando para uma projecção num ecrã ou para um rolo de paisagem pintada girado freneticamente por duas pessoas. Nada daquilo lhe parecia real. Riu-se do Monte Hood,

coberto de neve a meio do verão. Quem pintaria uma montanha com o cume coberto de neve numa cena passada no verão? Que ridícula falha de realidade.

Parou de rir quando recordou que tinha sido uma falha de realidade a pô-lo naquele carro e passou muito tempo calado.

Os carvalhos e os abetos erguiam-se, enquanto entravam na interestadual e avançavam pela Autoestrada do Pacífico Sudoeste até à Autoestrada do Rio Salmon, passando por sítios com nomes como Falling Creek, Tualtin, Parque Joe Dancer e Rochedo Errático. Sítios em que seria possível alguém perder-se, morrer e nunca ser encontrado. Imaginava os corpos tostados pelo sol no verão e cobertos de neve no inverno. Massacrados por granizo do tamanho de moedas na primavera e no outono, moendo carne e partindo osso, processando-os para serem levados pedaço a pedaço no papo de aves.

Tivera um amigo, um homem magro com olhos meigos e maxilar firme, que rangia os dentes quando pensava, que se tinha perdido um dia num sítio como aqueles. Tinha deixado uma mensagem no chão, perto do pneu dianteiro esquerdo da carrinha estacionada diante da sua cabana, presa por baixo de



## NORMAL

uma lata velha de comida de cão. Pertencia às gerações que passavam o dia inteiro a usar um teclado e a sua letra perdera a fluidez do exercício diário. A mensagem dizia: «Não me encontrarão. Regresso ao ciclo da natureza enquanto ainda posso. Não quero assistir ao fim do futuro. Digam ao meu pai que fico feliz por ter cancro. Adeus.» Tinha rabiscado uma ampulheta vazia por baixo. Adam lembrava-se de ter virado a mensagem, descobrindo que tinha sido escrita no verso de um recibo de farmácia que indicava a compra de grande quantidade de analgésicos e quatro garrafas de água mineral cara, do tipo que tinha vitaminas acrescentadas. Nunca o tinham encontrado. Adam presumiu que os recipientes de plástico vazios que tinham contido os comprimidos e a água ainda flutuariam algures num ribeiro, como uns derradeiros «fodam-se» ao mundo poluído que o seu amigo desprezava, enquanto voava em círculos no alto, viajando no sistema digestivo das aves.

Foi depois do Rochedo Errático, numa várzea coberta de erva que nem sequer conseguia parecer tão interessante como o nome, que Adam perguntou infantilmente se já teriam chegado. O enfermeiro, que não conduzia e, em vez disso, olhava Adam como

um polícia vigiando algum criminoso empedernido durante uma mudança de prisões, disse:

— Falta pouco — E as oito palavras chegavam ao fim. Nem sequer dizia a verdade, porque precisaram de mais uma hora para chegarem ao portão ocidental da Floresta Experimental do Cabo Normal, nas imensidões selvagens costeiras de Oregon, nos Estados Unidos, onde ninguém os procuraria.

O Cabo Normal era um espaço de conservação considerado simultaneamente uma Floresta Experimental do Serviço Florestal dos Estados Unidos e uma Reserva de Biosfera da UNESCO. Dentro dos 5200 hectares da Floresta Experimental do Cabo Normal, sobre as ruínas de uma cidade fantasma conhecida como Estação Normal, situava-se o Centro de Pesquisa do Cabo Normal. Adam, como muitas das pessoas na sua área, tinha ouvido falar do Cabo Normal, sabendo aproximadamente onde se situava e tendo ouvido amigos de amigos e alguns pacientes externos frágeis e melancólicos contarem histórias sobre o que lá acontecia, mas aquela era a primeira vez que via o local. Ver o Cabo Normal de perto não era positivo para pessoas com a sua profissão. Sabendo o que sabia e restando-lhe alguma

## NORMAL

consciência da sua condição, pensava se voltaria a ver aquele portão. Sabia que havia uma hipótese de nunca mais sair da floresta. Sabia que algumas pessoas não regressavam.

Os dois guardas do posto de controlo do portão oriental deram a entender que perdiam um episódio de *Bonanza* na televisão por sua culpa e que, por isso mesmo, não o consideravam um amigo. Adam sentiu-se um pouco triste com aquilo, mas só por ter descoberto que lhe agradava bastante a noção de se sentar para assistir a um episódio de *Bonanza*. Havia nisso algo de estranhamente tranquilizante. O enfermeiro olhou os guardas. Adam desconfiou que não deveriam interagir tanto com ele. Os dois homens fotografaram Adam com relutância, alegando que o resto do seu equipamento de segurança variado não funcionava, esperando que o enfermeiro de Adam assinasse e acenando-lhes que passassem. Era difícil vê-los como «guardas», mas Adam tinha reparado nervosamente nas grandes pistolas em col-dres de serviço pendurados nos seus cintos.

O carro seguiu caminho, descendo uma estrada longa e serpenteante ladeada por um véu contínuo de árvores altas, acreditando que teria tempo para

lhes aprender os nomes. Reconhecia um carvalho e alguém lhe tinha apontado os abetos-de-Douglas numa deslocação anterior a Portland, mas, além disso, todas as árvores na vida de Adam Dearden partilhavam o nome «árvore». Parecia não haver muito mais que árvores ali e, por um momento, pensou se seria forçado a viver numa como parte da sua terapia. Não abordou o assunto com o seu enfermeiro, em parte porque não lhe agradaria e, em parte, porque todos os esforços comunicacionais desde Windhoek lhe tinham parecido perigosos. Durante dias, sentiu que, de alguma forma, não conseguia fazer sentido para ninguém e que todos se irritavam ou o ameaçavam quando falava. Por isso, olhou pela janela e inventou nomes para os tipos de árvore que conseguia distinguir.

Isso deixou de ter piada e perdeu todo o potencial para o entreter muito antes de chegarem às instalações do centro. Um edifício brutalista com forma de ferradura de um lado de um terreiro espaçoso coberto com aparas de casca de árvore, tendo à frente uma fileira de cabanas rodeadas por módulos pequenos e estranhos que pareciam ter caído de paraquedas de um futuro a cinco anos de distância.

## NORMAL

O carro parou ao fundo da ferradura, com os braços longos projetando-se para longe do terreiro e desaparecendo na floresta. Uma das mãos pesadas do enfermeiro fê-lo perceber que devia sair. Sentiu um orgulho estranho pela forma como o enfermeiro precisou de mais cinco minutos para o extrair do carro, perdoando-se os gritos agudos que acompanharam o desempenho.

Claro que, ao passar as portas da sala de admissões, Adam deixou de ser a estrela do seu próprio programa de televisão. Uma mulher mais velha exigia acesso à Internet sob ameaça de uma escova de dentes mal afiada. A tensão nervosa vibrava no ar. Adam sentiu a dor de cabeça provocada pela tensão começar-lhe no pescoço e sentiu lágrimas nos olhos. Alguém lhe fazia uma pergunta, sabia-o, mas não conseguia forçar as palavras a fazerem sentido. Reconheceu o tom de voz que transformava a sequência de palavras numa pergunta e isso agradava-lhe. Significava que não estava demasiado perdido, certo? Mas, além disso, sentia-se como se alguém lhe tivesse roubado o dicionário interno que as pessoas normais usam para estabelecer a correspondência entre sons e conceitos. Sentiu um aperto no peito e o maxilar retesou-se

involuntariamente. Abanou a cabeça violentamente e a dor trepou-lhe pelo pescoço acima até à base do crânio. O seu cérebro clareou tempo suficiente para ouvir a mulher pedir drogas com voz atabalhoada e, a seguir, sem conseguir apontar um motivo válido, começou a chorar. Sem conseguir parar.

Quando Adam voltou a si, estava lá fora, sentado, sem conseguir recordar como ali tinha vindo parar. Estava sentado numa cadeira de plástico, diante de uma mesa de plástico, vendo à sua frente um copo de plástico contendo algo verde. Havia uma mulher sentada do outro lado da mesa com olhos cruéis e um sorriso amável.

— É melhor que bebas isso — disse-lhe.

Os momentos de perda de memória miseráveis tendiam a despojá-lo de qualquer reação além de «onde estou?», que era uma pergunta estúpida, mas era também a única que tinha e isso ajudou-o a recompor-se.

— É uma pergunta e tanto — disse a mulher. — Tecnicamente, estás no Centro de Pesquisa do Cabo Normal, mas, em 1910, era a Estação Normal, fundada por um agente imobiliário de Coggon, Iowa.

## NORMAL

Têm uma equipa de basebol chamada Rockets. O lema da cidade é: «A única.» Vivem lá 650 pessoas, mas têm uma ópera. Imagina só. Bom... o agente imobiliário comprou este terreno imenso, planeando transformá-lo num empreendimento turístico. Mudou-se para aqui com a mulher. Havia um hotel, casas, uma pequena mercearia e até uma gráfica para um jornal. Foi nele que foi publicado em 1913 que o agente imobiliário se tinha tornado, e passo a citar, «um louco violento», fugindo do que descrevia como, e passo a citar, «as luzes terríveis de Normal», indo para a floresta e não voltando a ser visto. Entre as guerras, quando o oceano começou a engolir a costa, disse-se que o mar teria entrado pela terra adentro no mesmo sítio em que o pobre homem tinha deixado a terra firme. Quando aconteceu, a Estação Normal estava vazia, claro. Depois da 2.<sup>a</sup> Guerra Mundial, a Estação Normal tornou-se novamente Cabo Normal, com o terreno sendo designado reserva florestal e com a abertura destas instalações em 1974. Por baixo de nós, temos as ruínas de uma cidade fundada por um louco, cujas últimas palavras registadas diziam respeito às suas luzes terríveis. É aí que estás.

Adam estendeu a mão para o copo. A mulher falava num tom de voz seco e monocórdico que o perturbava de formas que lhe custavam a definir. Estava algures nas profundezas da cave do Vale da Estranheza da fala humana artificial.

— Ainda bem que perguntei — disse ele, bebendo. Arbusto liquefeito misturado com limão, pepino, três milímetros de gengibre cru e alguma fruta enlatada sem quaisquer propriedades além do açúcar. Sabia suficientemente mal para o aproximar mais do mundo.

Voltou a olhar para a mulher.

— Conheço-te. Reconheço-te.

— Ah! — disse ela, com o sorriso ampliando-se sem nunca se aproximar dos olhos.

Vestia um casaco caro e estranhamente assimétrico, com fechos para esconder dispositivos e óculos escuros e bolsos especiais nas mangas que lhe permitiam puxar o telefone do interior deles para as mãos como a arma escondida de Robert De Niro em *Taxi Driver*. Vestia também calças de exercício azuis-metálicas desbotadas nos joelhos e calçava chinelos de plástico rosa.

— Conhecemo-nos na conferência da Elevar em Bruxelas há uns anos. És urbanista. Lela Charron.



## NORMAL

— Isso mesmo — disse ela, demonstrando uma centelha de surpresa. — E tu chamas-te Adam.

Sentindo estranheza súbita, estendeu a mão.

— Adam Dearden. Muito gosto. Outra vez.

Olhou-lhe a mão com olhos de pantera.

— Ainda não toco nas pessoas — disse ela.

— Desculpa — disse Adam, tentando puxar o braço inteiro para dentro do corpo.

— Não faz mal — disse ela. — Todos temos as nossas questões aqui.

— Aqui — disse ele, olhando em redor. — Cabo Normal. Por enquanto, não me lembro de muitos pormenores da viagem. Mas acho que cheguei. Vou ser visto por um médico em breve?

— Oh, sim — disse Lela. — Gostam de nos sentar com um recluso de longa duração para nos localizarmos antes de começarem com isso tudo. Acham que é melhor que a primeira cara que vemos não seja autoritária.

— Recluso? — A palavra fê-lo sorrir.

— Paciente, pronto. Estou aqui há seis meses. Passaram-me para a Preparação.

— O que é isso?

— Quando estamos quase bons, transferem-nos para a Preparação. Viste as microcasas quando vinhas para aqui?

— Aqueles módulos estranhos? — Adam percebeu que se lembrava daquilo. Isso era bom.

— Certo. Vivemos em alguns desses e usamos outros como espaços de trabalho comunitário. Têm computadores e Internet. Deixam-nos trabalhar lá. Para começar o processo de reaproximação ao mundo. Preparação para um regresso ao exterior.

— Estás há muito tempo na Preparação?

— Há uns meses — disse ela, virando-se e olhando o espaço em redor. Estavam num pátio espaçoso repleto de mesas e cadeiras de plástico. Tudo fabricado a partir de moldes, barato e com cantos arredondados. Cercando o pátio, um relvado irregular e a floresta. Adam imaginou-se a fugir para lá aos gritos.

— Parece muito tempo — disse ele.

— Não — disse ela. — Há quem passe anos na Preparação. Suficientemente são para serem úteis, mas sem nunca ficarem suficientemente seguros para partir. Para alguns, não é mau. Trabalham escondidos, por assim dizer. Sinto-me pronta para regressar. Quase pronta. Sabes porque estás aqui, Adam?

## NORMAL

Bebeu outro gole da mistela verde horrível.

— Um caso grave de olhar para o abismo — respondeu. — É tu?

Lela franziu a testa. A sua boca produziu um pequeno ruído molhado. Estalou os lábios e engoliu alguma coisa. Limpou um pouco de saliva fugitiva do canto da boca.

— Escolhas gastronómicas infelizes — disse.

Havia gente na maior parte das outras mesas. Como acontecera com o mobiliário de jardim, os seus sentidos perceberam-nos de forma lenta e gradual, como se alguém ajustasse um controlo de contraste no seu teatro cartesiano. Também percebeu um espaço largo que dividia o pátio em dois, um corredor entre as mesas.

Lela seguiu o seu olhar.

— Separação profissional — explicou. — Estratégias de tendências de um lado. Instituições de caridade e sem fins lucrativos, universidades, empresas de *design*, as áreas civis. Do outro lado? Previsores de estratégias. Grupos de segurança global, grupos de reflexão empresarial, espões. Sabes como é.

Adam sabia. Era futurologista. Eram todos futurologistas. Todos ali ganhavam a vida olhando

para o abismo. Fazendo-o durante tempo suficiente, o abismo começava a retribuir o olhar. Se o abismo o fizesse durante tempo suficiente, as pessoas que lhe pagavam pelos seus olhos decidiam enviá-lo para o Cabo Normal. O complexo era pago em simultâneo por fundações e multinacionais. A maior parte das suas sondas humanas acabavam por precisar daquilo, de uma forma ou de outra. O seu primeiro pensamento, na verdade, naquela noite em Windhoek foi que viria parar a Normal se não conseguisse controlar-se.

A dor no pescoço regressou.

Olhou outra vez para a floresta. Havia alguém ali, movendo-se entre as árvores, agasalhado com um casaco preto grosso. Adam soube que teria feito uma careta quando Lela se virou para ver.

— Ah — disse. — Aquele tipo. Ou está no seu quarto ou vagueia à margem. É do outro lado. Estratégia. Não sei para quem trabalha. Acho que nunca o vi falar com ninguém. Há sempre um ou dois como ele. Acho que és um dos espécimes mais saudáveis entre as novas admissões.

— Também é novo aqui? — Adam percebeu subitamente a dor de não ter amigos, um vazio

## NORMAL

interminável de solidão infantil. E achou que talvez mais alguém que fosse novo no Cabo Normal pudesse ser seu amigo. Deu-lhe outra vez vontade de chorar, mas só por si mesmo e pela dor da sua infância.

— Acho que chegou há uns dias — disse Lela. — Só Deus sabe qual é o problema dele. Talvez esteja a procurar câmaras nas árvores. Acontece.

— Procurar nas árvores acontece ou as câmaras acontecem? — Adam sentiu o pavio acender-se no alto da espinha. Pestanejou algumas vezes com força.

— Há câmaras aqui. Muitos dos outros reclusos são indivíduos com valor monetário significativo. Mas não nos quartos. E as que estão aqui fora são muito discretas. Os ficheiros de vídeo que geram são apagados a cada 48 horas. O sinal *wireless* está desativado, não têm fio terrestre para fora das instalações, isolamento total, alta segurança e isso tudo. É inevitável. Afinal, foi o trabalho de anos numa cultura de vigilância que enviou para aqui muita desta gente.

Adam sabia que era verdade, sobretudo para urbanistas como Lela Charron. Tinha-os visto a contar cada objeto ligado à rede nas esquinas das cidades, como botânicos identificando cada planta venenosa

obscura que conseguiam ver. Olhando o abismo do futuro e continuando conscientes da vigilância por cada dispositivo, por cada peça de mobiliário urbano e por cada fio das infraestruturas modernas.

As árvores suspiraram sob a brisa fria e o homem do casaco preto grosso dissolveu-se na floresta.

— Bom — disse Lela. — O meu trabalho aqui está feito. Acaba a bebida. Vai fazer com que te sintas melhor. Um auxiliar virá daqui a pouco para te levar ao médico para a tua entrevista de admissão. Um conselho: não tentes ser forte. Ou — e fixou outra vez nele aquele olhar predatório — ou fraco. Tens de ser exatamente o que és agora. Não tenhas medo de lhes mostrar onde foste danificado. Vais sarar mais depressa se conseguirem ver imediatamente as fraturas.

— Só isso?

— Sim, só isso. Que querias? Um abraço?

Adam ouviu uma voz sobre o ombro, um som grave e rouco que se erguia de uma garganta cansada.

— Ela não toca em ninguém porque, uma vez, comeu uma pessoa.

Adam virou-se na cadeira. Pelo sotaque, a voz pertencia a um homem do norte de Inglaterra, com cara de

## NORMAL

martelo e pele que fazia lembrar um mapa do Yorkshire traçado com veias estouradas pelo gin. Vestia um fato cinzento que talvez tivesse sido já cinzento quando o vestiu pela primeira vez, algo que Adam julgou poder ter acontecido um par de anos antes. A grande cabeça do homem, assolada por um corte de cabelo militar que Adam acreditava ter sido proibido por volta de 1958 por motivos de crueldade, tinha a inclinação permanente de um homem demasiado habituado a explicar a mulheres de mineiros que os seus maridos e filhos tinham sido engolidos por um túnel. Mas um sorriso fendia-a como uma pá fenderia a terra.

— Como estás? — disse o homem, estendendo uma mão suada em cumprimento. — Chamo-me Clough e sou um maluco do caralho. Ela também. Não confies numa palavra que lhe saia da boca.

Lela começou a ter soluços.

— Aqui vamos nós — disse Clough. — Já começou a babar-se quando ouviu falar em comida?

A mulher assassinava Clough com os olhos.

— Não lhe dê ouvidos, rapaz. Endoidou na Mongólia e nunca a vão deixar sair daqui porque é completamente maluca e tomou o gosto a comer carne humana.

# O QUE SERÁ QUE SE ESCONDE POR TRÁS DE UMA FACHADA DE NORMALIDADE?

Há dois tipos de profissionais que se ocupam do futuro: os estrategistas de tendências, que procuram organizar as cidades para sobreviver ao inevitável colapso da sociedade, e os previsores de estratégias, mais preocupados em preparar cada um dos seus clientes. Os primeiros são pagos por caridades e ONG, os segundos por empresas de segurança e corporações.

Estas são profissões de desgaste rápido, impossíveis de manter durante muito tempo. A depressão instala-se e, se o «olhar de abismo» se instala, há apenas um lugar para onde ir. O Cabo Normal.

Quando Adam Dearden, estrategista de tendências, chega ao Cabo Normal, está preparado para relaxar e aceitar o tratamento. Pouco depois, no entanto, um dos outros pacientes desaparece, deixando para trás apenas uma pilha de insetos. Uma investigação arranca, e a vigilância torna-se total.

À medida que o mistério se vai desvendando, Adam começará a pôr em causa a forma como vemos o futuro... e também o passado e o *agora*.

«Uma história elétrica, engraçada e aterrorizadora  
de uma das vozes mais originais do género.»

*KIRKUS REVIEWS*

**TOPSELLER**

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-989-8869-06-7



9 789898 869067

Literatura Fantástica